



Catarina Belo
O essencial sobre
AVERRÓIS

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

1

AVERRÓIS NA HISTÓRIA DO PENSAMENTO ISLÂMICO E OCIDENTAL

No panorama da filosofia islâmica medieval, Averróis ocupa um lugar de destaque. Juntamente com Avicena, é considerado o mais influente filósofo na tradição islâmica medieval. Todavia, o filósofo andaluz, nascido em Córdova em 1126, não é um fenómeno isolado do islão clássico. A filosofia desenvolveu-se a par de outras disciplinas do saber no império islâmico, que teve início com a emigração do profeta Maomé de Meca para Medina, em 622. A teologia, as ciências naturais, a matemática, a gramática, a historiografia, são exemplos de outras disciplinas que atingiram um elevado grau de desenvolvimento no mundo árabe e islâmico. Algumas destas disciplinas tinham um carácter quase exclusivamente autóctone, como seja a teologia, que se

desenvolveu a partir de uma reflexão sobre o Alcorão, e a gramática árabe. Outras seguiam na senda do saber grego, como seja a matemática, a física e a cosmologia, expandindo e aperfeiçoando o alcance da antiga ciência grega. A filosofia de inspiração grega apresentava elementos da teologia islâmica. Um dos exemplos mais famosos da provável influência da teologia islâmica na filosofia islâmica de raiz grega é a reflexão de Avicena (980-1037) sobre a existência. A sua conclusão de que a existência é um acidente não tem uma origem óbvia em Aristóteles, mas representa uma corrente teológica dentro do islão que afirmava a separação entre essência e existência de um ponto de vista da criação divina, no sentido em que a primeira precedia a segunda. Logo, a filosofia islâmica, ainda que seguindo a tradição clássica, apresenta claros traços de influência da teologia islâmica.

No âmbito dessa teologia, é de notar que as mais famosas escolas eram a mu‘tazilita e a ash‘arita. A primeira, fundada em Baçorá por Wāsil ibn ‘Aṭā’ (m. 748) na primeira metade do século VIII, teve o seu apogeu durante a primeira metade do século IX, no califado dos Abássidas. Defendia uma interpre-

tação menos literal e mais racionalista do Alcorão e a justiça e a unidade divinas. Segundo os mu‘tazilitas, Deus é justo, logo o mal não é criado por Ele, mas advém das Suas criaturas. Logo, o mal moral advém dos seres humanos, não de Deus, e eles são os seus responsáveis. Esta escola defende ainda que Ele é uno, sem conter qualquer multiplicidade, pelo que os atributos divinos referidos no Alcorão não são distintos da essência divina, mas sua parte constituinte. Acreditavam ainda que o Alcorão era criado e não a palavra eterna de Deus (pois apenas Ele era eterno). A teoria da criação do Alcorão tornou-se uma doutrina oficial do califado durante o reinado do califa abássida al-Ma‘mūn (m. 833), sendo posteriormente rejeitada por escolas teológicas contrárias ao mu‘tazilismo.

Por seu lado, os ash‘aritas, que representam a escola fundada por al-Ash‘arī (m. 935), opunham-se às teorias mu‘tazilitas. Defendiam uma interpretação mais literal do Alcorão. Acreditavam que Deus produz os actos humanos (para salvaguardar a onipotência divina), sendo depois esses actos adquiridos ou apropriados pelo agente humano, o que o tornaria por eles responsável, e não o seu Criador.

Afirmavam, contra os mu‘tazilitas, que os atributos divinos são reais, e distintos da essência divina, e ainda que o Alcorão é a palavra eterna de Deus, revelada a Maomé em árabe através do anjo Gabriel. A teologia islâmica tem portanto origem na exegese do Alcorão.

Por seu lado, a filosofia islâmica, tal como a conhecemos, tem início com as primeiras traduções das obras de Aristóteles. O primeiro filósofo conhecido foi al-Kindī, que tinha um círculo de tradutores do grego para o árabe, por vezes por intermédio do siríaco, visto haver já obras de Aristóteles traduzidas para esta língua semita, que teve um papel fundamental no cristianismo no Médio Oriente. Al-Kindī compunha também as suas próprias obras filosóficas. A tradução das mais importantes obras de Aristóteles teve lugar no século IX, e era fomentada a nível oficial pelos califas. Outros dois importantes filósofos muçulmanos são Alfarabi (870-950) e Avicena. Ainda que não se conheçam traduções integrais de diálogos de Platão para o árabe na Idade Média, as suas teorias eram conhecidas através dos epítomes de Galeno (c. 130-210), esses, sim, tradu-

zidos para o árabe, e também através da crítica do Estagirita a Platão, em obras como a *Metafísica*.

Logo, Alfarabi escreve obras sobre a *Metafísica* de Aristóteles, e também, sob a influência de Platão, o *Tratado sobre as Opiniões dos Habitantes da Cidade Virtuosa*, inspirado na *República*, *A Harmonia entre as Filosofias dos Dois Sábios* (Platão e Aristóteles), bem como um comentário às *Leis* de Platão. Alfarabi apresenta igualmente influências neoplatónicas, cuja principal origem era a famosa obra *A Teologia de Aristóteles*, atribuída ao Estagirita, mas, na verdade, composta de excertos das *Enéadas* de Plotino (século III). Avicena, outro filósofo que foi influenciado pelo neoplatonismo, rejeita categoricamente algumas teorias platónicas, tal como a teoria das formas, mas é influenciado pela *Teologia de Aristóteles*, obra à qual dedicou um comentário.

Segundo o modelo neoplatónico islâmico, Deus é um intelecto que se pensa a si mesmo (tendo em conta que a filosofia neoplatónica apresenta marcas de aristotelismo, como, por exemplo, a ideia de Deus enquanto ser supremo, cuja actividade consiste na

auto-reflexão). Através da sua actividade auto-reflexiva, gera-se um segundo intelecto, que, por sua vez, gera um terceiro intelecto, atingindo um total de dez intelectos, sendo o último o dador de formas (*dator formarum*, em latim), que fornece formas para a matéria do mundo sublunar e formas inteligíveis para o intelecto humano. Esse modelo da emanação é delineado de maneiras diferentes por Alfarabi e Avicena, mas evidencia as mesmas características gerais, e não tem qualquer base em Aristóteles, mas sim em Plotino.

As linhas principais do pensamento islâmico, que apresenta a influência do Estagirita (Deus enquanto actividade auto-reflexiva) e neoplatónica (a emanação dos intelectos a partir do primeiro intelecto divino), são criticadas por al-Ghazzālī (1058-1111), teólogo muçulmano multifacetado. Conhecido pela sua vasta erudição e devoção ao misticismo islâmico, que viria a consagrar e tornar parte integrante do islão sunita, estudara também as teorias dos filósofos. Numa obra intitulada *A Incoerência dos Filósofos*, al-Ghazzālī, conhecido por Algazel na Europa medieval, criticava os filósofos por uma con-

cepção de Deus contrária ao Alcorão. Mais especificamente, acusava-os de heresia ou infidelidade em três casos: a defesa da eternidade do mundo, a incapacidade de provar que Ele conhece os particulares da criação e a incapacidade de demonstrar a ressurreição do corpo. Além disso, al-Ghazzālī opunha-se àquilo que considerava uma visão mecanicista do mundo e da criação. Segundo o famoso teólogo, também conhecido no mundo islâmico como «prova do islão», o Deus dos filósofos não criara o mundo por sua vontade, mas automaticamente. Segundo ele, a divindade que os filósofos descreviam não era verdadeiramente o Deus onipotente do Alcorão. Averróis atacaria acusações de al-Ghazzālī na sua obra *A Incoerência da Incoerência*, uma resposta pormenorizada a este crítico. Veremos como a obra deste famoso teólogo viria a marcar decisivamente o rumo filosófico do próprio filósofo cordovês.

Porém, o desenvolvimento da filosofia islâmica, que, como vimos, se deve fundamentalmente à filosofia grega e helenística, por um lado, e à teologia islâmica, por outro, não se restringiu ao Oriente islâmico.

ÍNDICE

1. Averróis na história do pensamento islâmico ocidental	3
2. Biografia	19
3. Obras	31
4. Filosofia e religião	39
5. Metafísica e física	47
6. Psicologia	53
Conclusão	63
<i>Bibliografia</i>	69